

A mulher como objeto do desejo na poesia de Camilo Pessanha e Álvares de Azevedo

SIMONE MARIA DE SOUZA

Tentarei fazer nesta dissertação uma abordagem sobre o tema «A mulher como objeto do desejo» na poesia de dois poetas pertencentes a estilos e épocas diferentes, e a nacionalidades também diferentes. São eles: Álvares de Azevedo, romântico e brasileiro, e Camilo Pessanha, simbolista e português.

Apesar de muitos críticos e estudiosos afirmarem que o Simbolismo foi uma «continuação» do Romantismo, não é o objetivo deste trabalho provar tal teoria. Acredito que a poesia romântica e a simbolista apresentam, às vezes, uma temática e uma visão próximas, como por exemplo, uma determinada visão da mulher como objeto de desejo. Porém, parece-me que caracterizar o Simbolismo como uma simples continuação do Romantismo é incorrer numa visão um tanto simplista, além de não se levar em conta que os dois movimentos são frutos de contextos históricos diferentes e, por isso mesmo, são duas tendências diferentes.

Creio que a raiz das semelhanças entre Simbolismo e Romantismo, esteja ligada a fatores bastante complexos. Também não são esses fatores que tentarei comentar. Farei apenas uma discussão em torno do tema «A mulher como objeto do desejo», tomando como base alguns versos dos dois poetas.

Depois desta explicação inicial, vejamos alguns versos de Alvares de Azevedo no poema «Pálida Imagem»:

«No delírio da ardente mocidade
por tua imagem pálida vivi!
A flor de coração do amor dos anjos
Orvalhei-a por ti!»¹

Estes são os primeiros versos do poema. Neles já podemos perceber um tema que ocorre constantemente na obra poética de Alvares de Azevedo: a presença/ausência do amor e da mulher amada.

A partir do próprio título «Pálida Imagem», podemos fazer certas observações: imagem, segundo o dicionário, é a «reprodução no espírito de uma sensação na ausência da causa que a produziu»;² ausente, no caso, está a mulher amada; presente, apenas a sua imagem. Além da «imagem» implicar a ausência da amada, essa imagem é «pálida»: pálida remete a descorada, sem vida, morta. A expressão «Pálida imagem» intensifica a sugestão de ausência física e viva da mulher amada.

A metáfora da imagem enquanto mulher também se faz presente na poesia de Camilo Pessanha:

«Oh, vem de branco, — do imo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh! vem! Meus olhos querem desposar-te
Refletir-te virgem a serena imagem».³

Também nestes versos se aplica a análise que fizemos para «imagem» nos versos de Alvares de Azevedo. Aqui a «mulher» é uma «imagem» que vem do imo da folhagem. Portanto, da mesma forma que no primeiro, o poeta se coloca distante do objeto de seu amor e desejo: a mulher.

Vejamos, agora, algumas estrofes do poema «Sonhando», de Alvares de Azevedo:

«Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!
Tão pálida — ao vê-la meu ser devaneia,
Sufoca nos lábios os hálitos meus!
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!
Não durmas no mar!
Não durmas assim.
Tem pena de mim.»⁴

Comparando estas estrofes com as de «Pálida Imagem» é interessante notar que se nestas é a morte que distancia a amada do poeta, naquelas a impossibilidade de aproximação se faz presente porque a mulher não é «matéria», é uma imagem, e, como já foi dito, uma «imagem pálida», o que também nos remete à morte, como em «Sonhando», cujo trecho foi exposto acima. Além da «morte», também o título «Sonhando» pode ser ligado à metáfora imagem. Vejamos a definição da palavra sonho: «seqüência de fenômenos psíquicos (imagens, atos, idéias) que involuntariamente ocorrem durante o sono».⁵

Observemos, agora, a estrofe abaixo, também retirada do referido poema:

«Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus lábios teu seio aquecer,
Teu colo, essas faces, e a gélida mão...»⁶

A mulher, mesmo distante, fria, fugindo ao domínio do poeta, é um ser desejado fisicamente. Como no poema «Estátua», de Pessanha:

«E o meu ósculo ardente, alucinado,
Esfriou sobre o mármore correto
Desse entreaberto lábio gelado»⁷

Assim, em «Estátua», «Pálida Imagem» e «Sonhando», o ser amado é um ser «frio», «morto» e, principalmente, distante; porém, desejado. Chegamos então a uma conclusão: ao analisar tais poemas, não estamos discutindo apenas a figura feminina e o desejo, mas a figura feminina e a interdição desse desejo.

O desejo reprimido é representado na metáfora da «morte», a morte impossibilitando a concretização do desejo, e nas demais imagens a esta relacionadas: «sonho», «pálida imagem», «estátua», etc. Muitos poetas (tanto simbolistas quanto românticos, e até mesmo de outras épocas) utilizaram-se da imagem da mulher morta como símbolo do desejo interdito.

Até aqui analisamos poemas em que a idéia da mulher desejada e ausente relacionada às imagens de «morte», «palidez», «frio», etc. Tais imagens, como já foi dito, representam o desejo reprimido, isto é, a interdição do desejo. Analisaremos agora poemas em que a metáfora da morte não aparece.

«Quando a vejo, de tarde, na alameda,
Arrastando com ar de antiga fada,
Pela rama da murta despontada,
A saia transparente de alva seda,

Desejo, num transporte de gigante,
Estreitá-la de rijo entre meus braços,
Até quase esmagar nesses abraços
A carne branca e palpitante.

Se me lembra, porém, que essa doçura
Efeito da inocência em que anda envolta
Me foge, como um sonho, ou nuvem solta,
Ao ferir-lhe um só beijo a face pura;

Mas não posso contar: nada há que exceda
A nuvem de desejos que me esmaga,
Quando a vejo, de tarde à sombra vaga,
Passeando sozinha na alameda...»⁸

Estas são algumas estrofes do poema «Lúbrica» de Pessanha. Nestes versos a metáfora da morte não aparece, e o desejo é manifestado de forma mais direta.

Passemos aos versos de Alvares no poema «Meu desejo»:

«Meu desejo? era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãozinha aperta
A camélia que murcha no teu seio,
O anjo que por te ver do céu deserta...

Meu desejo? era ser o teu espelho
Que mais bela te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flores
E mirar-te amoroso as nuas graças!

Meu desejo? era ser a voz da terra
que da estrela do céu ouvisse amor!
Ser o amante que sonhas, que desejas
Nas cismas encantadas de langor!»⁹

Nestas estrofes podemos observar que, como em «Lúbrica», o desejo é manifestado de forma direta, e que a metáfora da morte, tão explorada nos primeiros poemas apresentados, não se faz presente. Porém, tanto em «Meu desejo» como em «Lúbrica», a mulher permanece intocável, distante. Em «Lúbrica» ela passeia «sozinha» na alameda, e em «Meu desejo» o poeta deseja ser o amante com quem ela «sonha». Em ambos, o «contato» entre o poeta e a amada é feito através da visão e não do tato: «E mirar-te amoroso as tuas graças!» (Alvares), «Quando a vejo, de tarde, na alameda». (Pessanha).

Ainda em «Lúbrica», Pessanha utiliza-se de vocábulos que estão no mesmo campo semântico dos vocábulos «sonho» e «loucura»: «Miragem inconstante», «louco pensamento». Assim, em «Lúbrica» a mulher é intocável em dois níveis: primeiro porque o contato se estabelece através da visão, segundo porque ela é relacionada a uma «miragem», sendo, portanto, «não real!»

Os poemas analisados podem se agrupar, de maneira um tanto genérica, em torno de dois eixos temáticos: o da interdição explícita, em que a metáfora da «morte» é utilizada como símbolo da interdição do desejo, e da interdição implícita, em que esta metáfora não se realiza, mas em que a interdição permanece, através das sugestões de distância e intangibilidade, com relação à amada.

Como foi dito na introdução, não foi minha intenção provar, com a análise desses poemas, que um estilo de época é a simples continuação de outro. Também não relacionei os poemas tomando como base o aspecto formal. A intenção foi a de fazer uma leitura da manifestação do desejo e a situação da mulher enquanto objeto desse desejo na poesia de dois autores de épocas distintas. Nesse sentido, podemos concluir que, em nossa sociedade ocidental, algo além da cronologia histórica fez com que as literaturas de dois poetas de períodos diferentes se tornassem próximas. Algo que foi comum às duas épocas: fatores talvez sociais e psicológicos, que levaram esses poetas à interdição do desejo e ao conseqüente distanciamento da mulher enquanto objeto desse desejo.

NOTAS

1. AZEVEDO, Alvares de. Pálida Imagem. In: ————. Poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 67.
2. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960. p. 650.
3. PESSANHA, Camilo. In: ————. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Agir, 1977. p. 29.
4. AZEVEDO, Alvares de. Sonhando. In: ————. Poesia, Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 20.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d. p. 1.322.
6. AZEVEDO, Alvares de. Sonhando. In: ————. Poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 20.
7. PESSANHA, Camilo. Estátua. In: ————. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Agir, 1977. p. 22.
8. ————. Lúbrica. In: ————. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Agir, 1977. p. 32.
9. AZEVEDO, Alvares de. Meu desejo. In: ————. Poesia. Rio de Janeiro, Agir, 1974. p. 63.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Alvares de. *Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1974.

COUTINHO, Afrânio. *O Movimento Romântico. Simbolismo*. In: ————. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Distribuidora de Livros Escolares, 1968.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1960.

———. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.

PESSANHA, Camilo. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, Agir, 1977.

PEYRE, Henri. *Símbolo, Simbólica, Simbolismo*. In: ————. *A Literatura Simbolista*, São Paulo, Cultrix, 1976.

SANT'ANA, Affonso Romano. *O Canibalismo Amoroso*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

WILSON, Edmund. *O Simbolismo*. In: ————. *O Castelo de Axel*. São Paulo, Cultrix, s.d.